

Caminhos para uma formação integral na EJA-EPT



MICHELLA ROCHA DOS SANTOS
SALETE VALER



**INSTITUTO
FEDERAL**
Santa Catarina

PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Caminhos para uma formação integral na EJA-EPT

MICHELLA ROCHA DOS SANTOS
SALETE VALER



VENDA PROIBIDA

USO ESTRITAMENTE PARA FINS EDUCACIONAIS



**Programa de Pós Graduação em Educação Profissional
e Tecnologia em Rede Nacional (ProfEPT)**

Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC - Campus Florianópolis
Av. Mauro Ramos, 950, Centro, CEP: 88020-300, Florianópolis - SC

www.ifsc.edu.br/profept

AUTORES:
MICHELLA ROCHA DOS SANTOS
SALETE VALER

REVISÃO:
MICHELLA ROCHA DOS SANTOS E SALETE VALER

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:
ERALDO FERREIRA

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
EM REDE NACIONAL (PROFEPT)**

FLORIANÓPOLIS, SC, 2025

FICHA TÉCNICA

Esta Cartilha é um produto educacional resultado da pesquisa de mestrado Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT Ensino Médio Integrado: Perspectiva acerca da Formação Integral.

Foi avaliado por estudantes-mães, docentes, coordenações e assistente social dos Cursos Cozinha e Panificação Integrado ao Ensino Médio na modalidade EJA-ETP (PROEJA) e validado pelos integrantes da banca de defesa no Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Produto Educacional:

Cartilha Caminhos para uma formação integral na EJA-EPT

Produção e organização:

Michella Rocha dos Santos e Salete Valer

Banca de validação do produto educacional como parte da Dissertação de Mestrado:

FICHA CATALOGRÁFICA

Cartilha Caminhos para uma formação integral na EJA-EPT.
Michella Rocha dos Santos e Salete Valer - 1. ed. - Florianópolis,
SC: IFSC (ProfEPT), 2025 (Texto eletrônico).

44 p.

Inclui bibliografia

ISBN:

1. Cartilha/Produto Educacional ProfEPT- Produto educacional.
2. Práticas Educativas. 3. EJA-EPT. 4. Princípios da EPT. I. Michella
Rocha dos Santos; Valer, Salete II. Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC.

VENDA PROIBIDA

Este material pode ser utilizado livremente para fins educacionais.
Não é permitida a reprodução para fins comerciais.

RESUMO

Este produto educacional, Cartilha resulta da pesquisa Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT Ensino Médio Integrado: Perspectiva acerca da Formação Integral realizada no Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT). O objetivo geral da pesquisa foi investigar em que medida os princípios da EPT estão norteando a formação integral das trabalhadoras estudantes-mães nos Cursos Cozinha e Panificação Integrado ao Ensino Médio modalidade EJA-EPT (PROEJA) do Instituto Federal de Santa Catarina IFSC-Florianópolis-Continente. Os resultados dos instrumentos revelam que a EJA-EPT tem um impacto transformador, especialmente para as estudantes-mães, mas sofre pressões do modelo societário, demonstrando que há um tensionamento entre a formação técnica e a formação humana o que não permite o aprofundamento teórico-prático, reduzindo as relações sociais ao imediato. O objetivo da cartilha é apresentar alguns conceitos da EPT para estudantes e demais atores para promover reflexões sobre o mundo do trabalho. Com base nos resultados, foi elaborado a cartilha Caminhos para uma formação integral na EJA-EPT, com base em autores da EPT, como Ciavatta (2005, 2008), Frigotto (2012), Machado (2008), Moura (2007, 2014), Pacheco (2019), Ramos (2014, 2017) e Saviani (2007, 2021). Reforça-se assim a relevância deste produto para disseminar conceitos e estimular o desenvolvimento dos estudantes em sua integralidade para que reflitam de forma crítica a prática social que transforme a sua realidade e a de sua comunidade.

Palavras-chave: ProfEPT. Produto educacional Cartilha. Práticas educativas. EJA-EPT. Estudantes-mães. Princípios da EPT.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
1 O trabalho como princípio educativo	14
2 A pesquisa como prática pedagógica para a formação integral	24
3 Estudantes-mães e Assistência Estudantil	33
4 Fechamento	35
REFERÊNCIAS	39



APRESENTAÇÃO

Prezados (as) estudantes e profissionais da educação!

Esta Cartilha intitulada Caminho para uma formação integral na EJA-EPT foi elaborada a partir dos resultados da pesquisa Trabalhadoras estudantes-mães na EJA-EPT Ensino Médio Integrado: Perspectiva acerca da Formação Integral, constitui-se como um Produto Educacional, requisito para a conclusão do Curso Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, ofertado em Rede Nacional, cujo projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEPESH via Parecer número 7.023.295.

Definiu-se como problema de pesquisa a formação integral para o sucesso e a progressão para o mundo do trabalho e para os estudos na perspectiva das trabalhadoras estudantes-mães da EJA-EPT. Nessa problemática considera-se a realidade concreta em que estão inseridas, resultado da forma como o sistema capitalista organiza os modos de produção, produzindo as classes sociais. Teve objetivo geral investigar em que medida os princípios da EPT estão norteando a formação integral das trabalhadoras estudantes-mães nos respectivos cursos. Para esse fim foram elencadas variáveis externas sobre o perfil das estudantes-mães e variáveis internas categorias: Trabalho como princípio educativo e a Pesquisa como prática pedagógica.

A pesquisa ocorreu no ano de 2024, tendo como local o IFSC, Campus Florianópolis-Continente no Curso Técnico Cozinha Integrado Ensino Médio na modalidade EJA-EPT (PROEJA) e Curso Técnico Panificação Integrado Ensino Médio na modalidade EJA-EPT (PROEJA). A pesquisa tomou o método de abordagem dialético, de procedimento qualitativo e modalidade principal o estudo de caso. Os dados foram gerados pela aplicação de um questionário ao grupo (1), estudantes-mães, e de uma entrevista semiestruturada aplicada ao grupo (1), estudantes-mães; grupo (2), docentes dos dois cursos; grupo (3), coordenadoras dos dois cursos; grupo (4), assistente social, bem como pela análise do conteúdo do Projeto Pedagógico dos dois cursos em estudo.

Pela aplicação do questionário, os resultados, segundo Santos (2024), indica que as estudantes-mães pesquisadas são na sua maioria acima de 42 anos, migrantes estabelecidas há mais de 25 anos na Grande Florianópolis, com predomínio de estudantes autodeclarados brancas.

Quatro estudantes são casadas e três estudantes são mães solo, quatro estudantes têm crianças pequenas, situação que gera desafios de conciliar estudos, trabalho e família. A maioria retornou aos estudos após longa ausência escolar, atraídas pela gratuidade e qualidade do curso, embora sem conhecimento aprofundado da proposta pedagógica do curso. As dificuldades de conciliar estudo, trabalho e responsabilidades familiares aparecem como obstáculos, em especial pela falta de rede de apoio e problemas de transporte. Mesmo com muitos desafios se mostram determinadas a concluir o curso em busca de progressão nos estudos e no trabalho, com perspectivas de abrir seu próprio negócio, indicando que a formação EJA-EPT promove condições para pensar novos projetos de vida.

Pela aplicação da entrevista aos quatro grupos de participantes, buscou-se observar em que medida a práxis pedagógica está promovendo a formação integral das estudantes-mães. Segundo Santos (2024), os resultados indicam que, em termos de percepção, há uma convergência entre todos os participantes sobre a importância de haver a integração entre teoria e prática para a formação integral, reconhecendo o potencial emancipatório da EJA-EPT. Embora todos apontem a formação integral como meta educativa, observa-se no discurso dos docentes a ênfase na busca de práticas pedagógicas que promovam a autonomia e o pensamento crítico. As coordenadoras, ao reconhecerem a relevância da formação integral, relacionam esse conceito ao acolhimento e autoestima das estudantes. Na perspectiva da Assistente social, os Projetos Pedagógicos apresentam um discurso que revelam uma intenção para que haja a promoção da formação integral, porém a cultura tecnicista ainda predomina na instituição.

Em relação às estudantes, a maioria considera haver uma formação integral decorrente das práticas pedagógicas que têm sido inseridas nos cursos. Porém, ao se observar de modo mais amplo, os discursos apontam que essa formação é parcial, pois as estudantes a entendem de forma limitada e fragmentada determinados conceitos. Isso as impede de assimilar plenamente a proposta pedagógica do curso, dificultando sua capacidade de criticar, reivindicar e resistir às contradições do modo societário. O discurso neoliberal, presente na mídia, nas políticas públicas e nas demandas do mercado, exerce pressão sobre as estudantes nos diferentes espaços em que circulam. Esse discurso esvazia e individualiza os problemas provocados pelo capitalismo e isso enfraquece políticas coletivas e precariza ainda mais as condições de trabalho e a vidas dessas mulheres, já que muitas delas estão inseridas em contextos de vulnerabilidades socioeconômicas.

Enquanto a escola busca promover uma educação transformadora, as estudantes pressionadas pelas necessidades imediatas de emprego e renda, muitas vezes, reproduzem demandas alinhadas ao modelo neoliberal como a busca por qualificação rápida para a empregabilidade, em detrimento de uma formação crítica e emancipatória. Esse tensionamento revela um conflito entre projeto pedagógico da EJA-EPTA que visa à formação integral e a conscientização política e social em contrapartida as demandas externas reforçadas pela lógica da empregabilidade imediata que esvazia os debates político-pedagógicos da educação.

Nesse sentido, para que a formação integral seja efetiva é necessário desnaturalizar esse discurso neoliberal, fortalecendo a compreensão das estudantes sobre os conceitos da EPT e a forma como esses conceitos quando aplicados promovem uma formação na dimensão política para descortinar as contradições do modo societário, e desta forma reivindicar seus direitos, e assim exigir uma educação emancipatória para resistir às pressões que reduzem a educação a mera ferramenta de ajuste ao mercado.

Como base nesses resultados, seguindo os direcionamentos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Brasil, CAPES, 2022, p. 10) para o Mestrado Profissional, este produto educacional insere-se na categoria (10) Material didático de comunicação e na tipologia cartilha. O material didático é “produto de apoio/suporte com fins didáticos na mediação de processos de ensino e aprendizagem em diferentes contextos educacionais”, conforme CAPES (Brasil, 2023, p. 43). Para Santos e Lima (2021, p. 3) “a Cartilha, tida como instrumento facilitador no processo de comunicação e difusão” é um recurso didático de relevância para a compreensão dos conteúdos. E neste sentido, é um recurso prático e eficiente para que se trabalhe os princípios da EPT, promovendo uma educação dialética e reflexiva.

Sobre esse direcionamento, Freitas (2021, p. 12 apud Págan, 1995) discorre que o produto educacional é entendido como instrumento e meios que fornece critérios que colaboram para a decisão e planejamento quanto a intenção no processo de ensino. Para o autor, “nenhum produto é um fim em si mesmo” e sim um instrumento que traz consigo uma proposta de ensino que se apresenta de forma clara.

Freitas (2021, p. 13) ainda chama a atenção para a caracterização do produto educacional, em primeiro momento pela sua finalidade de aprendizagem e metodologias utilizadas para atingir esse fim” e, no segundo momento, pelo “conjunto de meios, recursos ou instrumentos utilizados para materializá-lo”.

O objetivo deste produto educacional é apresentar alguns conceitos da EPT para o público envolvido com a EJA-EPT. Isso para que possa compreender a complexidade do mundo do trabalho e suas contradições geradas pelo modo de produção capitalista, especialmente, como essa realidade reverbera nas condições concretas das suas existências. Para que isso ocorra é preciso que haja uma práxis pedagógica em que o conhecimento historicamente sistematizado em diálogo com os conhecimentos da vida possa promover o sucesso escolar, proporcionando melhores condições para a progressão ao trabalho e ao estudo. Nesse sentido, a educação deve dialogar com a realidade pessoal e profissional, por meio do trabalho como princípio educativo e pela pesquisa como prática pedagógica, ação que incentiva a investigação da realidade e coloca em foco desafios pessoais, profissionais e sociais para que a escola seja um espaço que ofereça ferramentas para a compreensão e transformação da vida pessoal e consequentemente social.

O público alvo desta cartilha é estudantes de modo geral, bem como os profissionais da educação, docentes, técnicos, gestores e pesquisadores (as) e demais interessados. Nessa direção, busca ampliar a discussão sobre os desafios que estudantes enfrentam no contexto educacional, promovendo reflexões que contribuam para políticas públicas, práticas pedagógicas e ações institucionais mais inclusivas. Ao direcionar o conteúdo a esse público diverso, a iniciativa visa não somente a informar, mas também fomentar diálogos e contribuições para transformações sociais no âmbito da educação e trabalho.

A base teórica da cartilha está sustentada pelo trabalho como princípio educativo para a formação integral sustentado pelas dimensões, cultura, ciência, tecnologia, ética e formação integral conceitos trabalhados em Ciavatta (2005), Frigotto (2012), Machado (2008), Moura (2014), Pacheco (2019), e Saviani (2007).

As discussões acerca da pesquisa com prática pedagógica, sustentada pelas atividades mentais superiores e pela formação integral, conforme presentes em Araújo (2025), Documento Base (2007), Marques e Duarte (2020) e Santos et al. (2021).

A Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani (2021) foca-se na práxis pedagógica para a formação integral fundamenta-se nos princípios do materialismo histórico-dialético, em que a teoria marxista reconhece o ser humano como um ser social, histórico e cultural da existência do indivíduo na sociedade são desenvolvidas pelas atividades laborais. A práxis pedagógica está no trabalho que educa e liberta pela formação integral, na tecnologia que inclui, na ética que nos faz perceber que o saber só é verdadeiro quando muda a vida de quem aprende e de quem ensina. Para Franco (2016, p. 543), a práxis é uma intervenção pedagógica, como instrumento que emancipa por meio de ação reflexiva “que pode transformar a teoria que a determina, bem como transformar a prática que a concretiza”. Porque trabalho não é só o que sustenta, trabalho não é somente a técnica é também o que define como ser humano.

Essa lógica do sistema neoliberal incentiva o individualismo e faz com que os indivíduos não se organizem politicamente e coletivamente e disputam entre si os bens socialmente produzidos. Isso apaga e invisibiliza a dimensão política das relações sociais onde as opressões passam a ser naturalizadas e não debatidas no campo das lutas sociais desmobilizando a transformação societária.

Quando se afirma que as relações sociais são reduzidas a uma mera reprodução de prática no modo capitalista. Nesse sentido, a formação integral defendida da EPT é uma abordagem que contesta esse modo societário, pois busca trabalhar a educação para dar condições aos estudantes para compreender as contradições e a dualidade entre formação técnica e formação intelectual e assim desenvolver a autonomia e criticidade para buscar romper e transformar a realidade. O Documento Base (2007, p. 13) coloca que a formação integral é:

Formação humana, no seu sentido lato, com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade, integrada a uma formação profissional que permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa.

A autora Ramos (2014) aborda que a formação integral, visa a superar a dualidade entre trabalho manual e trabalho intelectual e Frigotto (2012, p. 267) discorre que omnilateralidade é “a concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para o seu pleno desenvolvimento histórico”.

Dado o exposto, a formação omnilateral decorre da possibilidade de desenvolver uma formação humana mediada pelo trabalho e pela educação para dar sentido ético, político e estético à vida e nas relações sociais que rompem com a lógica imediatista do modo capitalista.

Essas dimensões estão alinhadas à teoria crítica-PHC de Saviani (2021) onde a EJA-EPT é uma proposta pedagógica e política que busca reparar as desigualdades históricas por meio da educação, trabalho e emancipação defendidos por Ciavatta (2005, 2014) e Moura (2007, 2014).

Também se levou em consideração as legislações sobre EJA e EJA/EPT como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (Brasil, LDBEN, 1996), o Decreto n.º 5.154 de 2004 (Brasil, Dec. n.º 5.154, 2004), o Decreto n.º 5.478 de 2005 (Brasil, Dec. n.º 5.478), e Decreto n.º 5.840 de 2006 (Brasil, Dec n.º 5840). Além das discussões teóricas sobre a EJA, especialmente no contexto educativo da ETP, conforme os autores, Moura e Henrique (2012), Moura (2014) e Ramos (2014).

Tendo como foco de estudo as estudantes-mães da EJA-EPT, considerou-se os estudos sobre gênero com base em Gomes (2023) e Scott (1995). Para Scott (1995, p. 88), a compreensão do gênero é um saber das diferenças sexuais quando o gênero está relacionado ao saber e ao poder. Ou seja, o gênero relaciona-se aos símbolos construídos por significados culturais para justificar as diferenças e hierarquias entre homens e mulheres. Isso ocorre conforme coloca a autora por normas que dizem respeito às interpretações desses significados que se expressam na religião, na educação e outras esferas da sociedade por meio de atos políticos relacionados à esfera política e econômica da sociedade.

E por fim, pela subjetividade ou identidade que se constroi em cada período histórico relacionados a atividades, organizações e representações sociais, refere que as interações humanas são observadas na reprodução de práticas sociais automatizadas. Que são organizadas e moldadas por estruturas decorrentes do sistema econômico e da cultura capitalista que não permite transformações ou a contestação. Isso ocorre pela naturalização das desigualdades, onde as relações de exploração e alienação no trabalho e as hierarquias de gênero/raça são precarizadas e tratadas como “normais” e como se não houvesse alternativas para alterar essa realidade.

A estrutura da cartilha está dividida em 3 (três) seções temáticas: **1. O trabalho como princípio educativo; 2. A pesquisa como prática pedagógica para a formação integral e; 3. Estudantes-mães e a Assistência Estudantil.**

A cartilha busca, por meio dessas três seções, oferecer uma reflexão sobre os desafios enfrentados pelos estudantes, especialmente, as estudantes-mães. Ao abordar o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como prática pedagógica, destaca a importância de uma educação que vá além da transmissão de conhecimentos, promovendo a emancipação humana e o pensamento crítico.

Pelas narrativas das estudantes reflete-se sobre suas demandas e as contradições impostas pelo modo societário. Aponta-se que a formação integral é o caminho para descortinar as mudanças para uma sociedade mais justa e igualitária. A cartilha não apresenta soluções, mas aponta caminhos para os leitores compreenderem que a educação liberta, que a EJA-EPT é um espaço que pode qualificar a formação crítica e cidadã. Por questões éticas e de sigilo as estudantes- mães foram identificadas na cartilha por EC (estudante de Cozinha) e EP (estudante de Panificação).



1- O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

Ao falar de cultura, ciência, tecnologia, ética e a formação cidadã e trabalho, a cartilha busca refletir sobre quem define o que é comida? Quem é excluído por não ter acesso a internet? Por que mães precisam escolher entre cuidar dos filhos (as) e estudar? Essas relações conectam a educação e a técnica à cidadania e isso permite reflexões que transformam os cursos em espaços em que a educação promove questionamentos sobre o modo produtivo, não só para a empregabilidade, mas também para se compreender como indivíduo cidadão, crítico e autônomo, e não apenas como “aluna”.

Mas a questão que fica é: Como conciliar formação técnica com formação Integral?

Para responder a essa questão é preciso compreender alguns conceitos da EPT, que são: Cultura, ciência, ética e formação cidadã e trabalho ontológico e trabalho histórico, na categoria trabalho como princípio educativo.

Afinal, o que é trabalho?

O trabalho na EPT não é apenas meio de sobrevivência, é essência da formação humana na sua relação com a natureza e nas relações sociais integrada pela cultura, pela ciência e pelas tecnologias. As estudantes da EJA-EPT são mulheres múltiplas: irmãs, mães, filhas, avós, estudantes, trabalhadoras, esposas e amigas que seguem em frente, buscando realizar seus sonhos. Trabalham como autônomas, prestam serviços como recepcionistas, cozinheiras, secretárias do lar, vendedoras e as que trabalham em seus lares. Essa é a realidade das estudantes-mães cheias de desafios, de resistência e esperança! Estudar é um sonho para essas mulheres que, em algum momento, esse sonho precisou ser deixado de lado por questões pessoais e estruturais, como trabalhar para colaborar com o sustento da família ou priorizar a maternidade.

Retornar aos estudos após anos de interrupção é um ato de coragem, a EJA-EPT, ao garantir esse direito (não privilégio), permite que essas mulheres transformem suas vidas e inspirem seus filhos. Dessa forma, estudar é romper com exclusões e ressignificar futuros.



FICOU CURIOSO (A) SOBRE TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO?

Assista a animação:

<https://youtu.be/GwPfnkZYtIY>



No entanto, essa conquista não vem sem obstáculos! Devido à dupla/tripla jornada entre trabalho, estudo e família, além da falta de infraestrutura adequada e das dificuldades financeiras, que impõem barreiras diárias a essas estudantes. Mesmo assim, cada aula assistida é um ato de resistência contra um sistema que historicamente negou o acesso à educação para as mulheres trabalhadoras.

Por que saber o que é cultura colabora com a formação integral das estudantes-mães?

A percepção das estudantes-mães revela que a cultura não é apenas adquirir conhecimentos, e sim, conhecer a história e as práticas da profissão. É identidade construída por experiências na escola, por troca com os docentes e estudantes, ressignificando saberes tácitos por conhecimentos sistematizados. Para EC1, estudar “abre um leque de possibilidades, me deixando mais confiante, e me deixando mais como se diz, preparada para encarar o mundo” (Entrevista, 2024, EC1).

Para Ramos (2014, p. 89), a cultura, enquanto processo de produção de “símbolos, representações e significados”, articula-se à prática social, conformando normas de comportamento e estruturando a organização política e econômica por meio de ideologias. Nessa perspectiva, a cultura na EPT defende sua compreensão em sua dimensão mais ampla, o que converge com Pacheco (2019, p. 66), para que se articule a “representações e comportamentos”, integrado aos saberes locais e profissionais e aos conhecimentos sistematizados. Essa abordagem não só constrói a identidade profissional, mas também resgata a autonomia e constitui um “lugar de memória” (Ciavatta, 2005, p. 13), essencial para a formação crítica e emancipatória dos estudantes e trabalhadores.

E a ciência como entra nessa história?

Para muitas estudantes a ciência é vista como instrumento de emancipação por permitir a inserção dos conhecimentos sistematizados, as lutas e direitos históricos, como destacado por EC1 “foi muita luta, foi muita conquista então isso abriu muito a minha mente” (Entrevista, 2024, EC1). Em contrapartida, de modo geral, não há uma percepção acerca do campo de disputa ideológica que envolve as práticas científicas, bem como a história do surgimento das ciências e a sua função social. Segundo Ramos (2014, p. 89), a ciência é compreendida e situada na práxis, ou seja, na prática pedagógica, quando integra os conhecimentos científico-tecnológicos às necessidades concretas do mundo do trabalho, que não é “neutro”.

Para a autora, a ciência “é a parte do conhecimento sistematizado e deliberadamente expresso na forma de conceitos representativos das relações de forças determinadas”. As relações de interesse e poder material que moldam a produção do conhecimento científico e tecnológico devem ser questionadas em sua aplicação prática. Para isso, é necessário analisar criticamente como se articulam os processo produtivos, permitindo aos indivíduos compreender os mecanismos de reprodução do modo societário alienante. Essa abordagem crítica revela quem se beneficia dessas tecnologias e quais grupos são marginalizados, transformando o conhecimento em ferramenta de emancipação.

A ciência na EPT articula saberes tácitos da classe trabalhadora com os conhecimentos sistematizados, isso promove uma formação que ultrapassa a mera qualificação técnica. O seu objetivo é desenvolver nos indivíduos competências críticas, autonomia, habilidades e consciência política para que intervenham nas contradições sociais transformando a realidade por meio de valores éticos frente às desigualdades do modo capitalista.

E a tecnologia, inclui ou exclui?

Bom... parece ser a tecnologia uma faca de dois gumes para as estudantes-mães. Para a maioria, a tecnologia colabora na aprendizagem. Segundo EC6, “a tecnologia trouxe um avanço de ensino e ajuda bastante” (Entrevista, 2024, EC6). No entanto, é vista pela maioria das estudantes de forma ambivalente e instrumental: Ora é vista como ferramenta de ascensão profissional em que quanto mais se dominam as ferramentas tecnológicas, maiores as oportunidades no mundo do trabalho.

Como coloca EC5 “consigo fazer as minhas coisas, resolver meus problemas sozinhas” (Entrevista, 2024, EC5). Ora é vista como fonte de preocupações, por exemplo, a substituição de trabalhadores por máquinas e da perda dos saberes tradicionais e familiares, conforme coloca EC3, “antigamente a gente fazia receitas passadas de mãe para filha, escrito tudo à mão e hoje a gente pega na internet” (Entrevista, 2024, EC3).



Sugestão de leitura!

SANDI JUNIOR, Antenor; VALER, Salete. Dicas para um uso digital consciente e seguro para as famílias. (Folheto digital). Florianópolis (SC): IFSC (ProfEPT). 2023. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/740515>

Machado (2008, p. 16) refere que a tecnologia é “uma ciência transdisciplinar das atividades humanas de produção, do uso dos objetos e dos fatos tecnológicos”. A tecnologia é um processo sócio-histórico enraizado nas relações humanas, marcada por conflitos e intencionalidades políticas, ou seja, não é neutra e nem autônoma. Expressa saberes tácitos e conhecimentos científicos, que muitas das vezes inviabiliza a classe trabalhadora. Como ferramenta de poder, pode reforçar hierarquias sociais, controlada por interesses dominantes ou para emancipar quando apropriada coletivamente pela classe trabalhadora.

A pesquisa empírica realizada no ProfEPT e os produtos educacionais de Sandy Junior e Valer (2023a) e Sandy Júnior e Valer (2023b) discutem como as tecnologias e, especialmente, as tecnologias digitais transformam as condições de produção, bem como as relações psicossociais. Por essa razão, cabe ao processo de escolarização discussões mais amplas acerca dos benefícios, mas também dos malefícios trazidos pelas diferentes tecnologias, especialmente, a forma como as grandes corporações capitalistas atuam por meio de algoritmos para influenciar os consumidores, modificando práticas de consumo, bem como valores individuais e sociais.

Nesse sentido, quando EC4 aponta as desigualdades de acesso já que nem todos têm computadores, internet ou outras ferramentas tecnológicas que excluem os indivíduos de oportunidades na sociedade, reflete a quem controla a tecnologia, como ela reforça as desigualdades e qual o seu impacto nas relações no mundo do trabalho.

Para Moura (2014), às tecnologias funcionam como extensões que foram gradualmente assimiladas e legitimadas por grupos sociais ao longo do tempo, sendo transmitidas a outros de acordo com as necessidades de cada época.



Sugestão de leitura!

Pesquisas no ProEPT

SANDI JUNIOR, Antenor; VALER, Salete. Um olhar crítico reflexivo sobre as relações psicossociais dos estudantes da EPT constituídas em meio às tecnologias digitais. (Cartilha digital). Florianópolis (SC): IFSC (ProfEPT). 2023. Disponível em:

<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/740493>

Por que discutir também ética e formação cidadã com estudantes?

Nesse contexto, **a ética e a formação cidadã**¹ na EJA-EPT emergem como eixos fundamentais para fortalecer a autonomia crítica dos estudantes. Estas dimensões permitem problematizar suas principais preocupações: a precarização laboral, a ameaça à autonomia e os impactos das tecnologias digitais em seu cotidiano. Como refere EC1 “o ser humano vai se definindo porque a honra do ser humano é o que? O trabalho, né! Então sem trabalho nós não temos dignidade” (Entrevista, 2024, EC1). Essa reflexão revela a urgência de uma formação que articule as diversas dimensões que transforme o direito ao trabalho como questão central da emancipação humana.

¹ Para Marx, o cidadão, assim como a sociedade civil, surge da transição da sociedade feudal para a burguesa, dessa maneira “Quando essas sociedades parciais se desagregaram, emergiu a sociedade civil, na qual o indivíduo tornou-se de suma importância. Os antigos laços de privilégio foram substituídos pelas necessidades egoístas de indivíduos atomísticos, separados uns dos outros e da comunidade. Os únicos laços que existem entre eles são proporcionados pela lei, que não é produto de sua vontade e não se ajusta à sua natureza, mas que domina as relações humanas pela ameaça de punição.” (BOTTOMORE, 1988, p. 550).

Para carvalho (2008), a formação cidadã na EPT é um processo que transpõem a formação técnica e se articula a política, pois permite desenvolver a capacidade de analisar de forma crítica as estruturas sociais e produtivas, ou seja, promove a compreensão dos direitos sociais e trabalhistas, estimulando a participação dos indivíduos nas decisões coletivas. Na questão técnica promove competências profissionais contextualizadas para relacionar o “saber fazer” às necessidades da classe trabalhadora, ou seja, o “que fazer”, valorizada pelos conhecimentos científicos e pelos saberes tácitos.

Por fim, a ética, enquanto fundamento formativo, promove valores de cooperação, que permite identificar as contradições do mundo do trabalho. Além de formar indivíduos críticos que compreendem a educação como direito e ferramenta de transformação social.

Como se observa, a ética permeia todos os saberes, pois não há como pensar a formação sem questionar a quem a ciência está a serviço? Quem controla a tecnologia? Bem problematizada por EC5 “acaba deixando a tecnologia comandar a sua vida, não é você que comanda mais”. Essas questões revelam a necessidade de uma abordagem crítica sobre o desenvolvimento científico e tecnológico (Entrevista, 2024, EC5).

Os cursos da EJA-EPT têm o potencial de transformar essas questões em eixos da formação, pois permitem o debate dos mecanismos de exclusão social e o acesso desigual aos bens socialmente produzidos. Criam-se assim, ferramentas de emancipação que capacitem os indivíduos a desenvolver e compreender historicamente a reprodução dessas desigualdades, formando indivíduos conscientes de seu papel na transformação dessas estruturas.



**Vamos ver a
diferença entre
escola integral
X formação
integral?**



ESCOLA INTEGRAL X FORMAÇÃO INTEGRAL

É possível equilibrar preparo técnico com formação crítica e cidadã?

Sobre as condições de formação, EC6 aponta a falta de debates no contexto escolar, por falta de espaço nos conteúdos e por esvaziamento de debates sobre as relações entre a política e a realidade que afeta a cada indivíduo. Questões com as tecnologias são problematizadas, segundo EC7, ocorre debates “em sala de aula, a questão do celular, que tem atrapalhado muito” (Entrevista, 2024, EC7).

Sobre a formação crítica para a cidadania, a percepção das estudantes indica uma compreensão que fica na relação individual, não havendo ligação mais ampla com as contradições do modo capitalista! Para isso é importante que outros temas como o uso dos agrotóxicos, a uberização, o empreendedorismo entre outros temas atuais, sejam trabalhados nas aulas para que sejam compreendidas as consequências individuais e coletivas.

A compreensão dos fatores econômicos e tecnológicos impostos pelo sistema capitalista, os quais controlam a forma como o trabalho e a sociedade se constituem é fundamental. Só assim as escolhas passam a ocorrer de forma ética e cidadã, beneficiando a classe trabalhadora e não um grupo muito reduzido de pessoas que controlam a produção do trabalho na sociedade atual.

Segundo o relatório da Oxfam (2024), os 1% mais ricos concentram 43% da riqueza global, enquanto a metade mais pobre da população divide apenas 1% dessa riqueza. Essa disparidade transforma o trabalho em instrumento de opressão estrutural que consolida a hierarquia de classe, em que a acumulação se dá pela exploração.



**Ficou curioso
com esse dado?**

Entre no link:

[A DISTÂNCIA QUE NOS UNE](#)



A Distância Que Nos Une

Seis brasileiros têm uma riqueza equivalente ao patrimônio dos 100 milhões mais pobres do país. Os 5% mais ricos detêm a mesma fatia de renda dos demais 95%. Uma mulher trabalhadora que ganha um salário...

Oxfam, Brasil | jul. 29

E o que tem a ver o trabalho no sentido ontológico com tudo isso?

As estudantes-mães relacionam suas respostas do trabalho com a natureza, revelam um aparente entendimento sobre os impactos ambientais gerados pelo modo produtivo, como desmatamento, esgotamento dos recursos naturais e agrotóxicos. Além, da questão com a natureza, as falas revelam o trabalho na reprodução das opressões como racismo, a precarização do trabalho que aliena, ou seja, o trabalho que deveria ser criativo e transformador, torna-se fonte de exploração. EC1 coloca, “o ser humano que vai definindo porque a honra do ser humano é o que? O trabalho, né! Então sem trabalho nós não temos dignidade” (Entrevista, 2024, EC1).

As falas das estudantes-mães mostram a dupla face do trabalho na sociedade capitalista. Primeiro, na mediação com a natureza, ou seja, em seu sentido ontológico, como coloca Albornoz (2008): o trabalho ontológico é atividade humana criadora que define a essência social do ser humano. É o processo pelo qual os indivíduos transformam a natureza, criando a realidade humana que transforma a si mesmo, criando a cultura, a linguagem e as relações sociais. Em sua forma não alienada possibilita a autorrealização e a liberdade, expressando a capacidade humana de projetar e realizar sonhos, projetos e ações de forma consciente.

Na EPT o conceito de trabalho histórico fundamenta-se na perspectiva marxista em que o trabalho não é apenas atividade técnica, voltado à questão econômica, e sim uma construção social e histórica moldada pelas relações de produção em determinado tempo e cultura. Essa complexidade das relações de trabalho aparece na voz de EC7 quando afirma: “eu trabalho por quatro pessoas, mas eu ganho por uma só, e aí... lá ainda, se eu ganho” (Entrevista, 2024, EC7).

Para essa trabalhadora, o trabalho que executa é meramente técnico, pelo qual sente suas forças exploradas já que trabalha por várias pessoas sem recompensa para isso. Essa perspectiva tem a crítica de Moura (2014), Ramos (2014) e Saviani (2007), já que a EPT deve preparar o trabalhador não para uma mera qualificação para o mercado, mas sim para a formação humana integral em que os estudantes consigam compreender o que está por trás dessas contradições presentes na realidade concreta de trabalho e como essa compreensão poder agir sobre essa realidade.

O trabalho como categoria reflete a evolução das relações de produção ao longo da história, marcada por sistemas como a escravidão, o feudalismo, o capitalismo e, atualmente, o capitalismo financeiro em que o capital deixa de investir na produção de bens e serviços. E em cada modelo estabeleceu formas de exploração que consolidou hierarquias de classe que persistem nos dias atuais. No capitalismo, essa dinâmica se intensificou, transformando o trabalho em espaço de opressão estrutural, em que a acumulação de riqueza custa a exploração dos trabalhadores e da natureza.

Como se vê, o trabalho nos dias atuais impõe condições degradantes, com jornadas exaustivas, com multi tarefas não remuneradas, adoecimentos físico e mental dos trabalhadores (as). Essa realidade é colocada por EC2 “é difícil a gente ver um trabalho assim, de cozinha, que eles não vão pagar e remunerar além da conta” (Entrevista, 2024, EC2). A fala da estudante revela que a precarização do trabalho, a desvalorização salarial e a intensificação das demandas perpetuam ciclos de exploração e injustiça social.

Diante disso, urge repensar o trabalho como princípio educativo e político que seja capaz de emancipar os indivíduos para que não sejam reprodutores dessas desigualdades. A EJA-EPT, ao integrar a formação básica com a formação profissional, pode instrumentalizar os indivíduos para reconhecerem essas opressões e contradições. Somente com esse entendimento conseguem se organizar e se perceberem como classe social, lutando por seus direitos ao questionarem, não apenas sobre as condições de trabalho, mas o modo societário. O modo societário refere-se à organização estrutural da sociedade, que abrange relações econômicas, culturais e políticas que determinam formas de produção, distribuição de riquezas e poder, além dos valores e normas que regem a vida coletiva.

Nessa seção vimos que o trabalho na EJA-EPT não é só um meio de sobrevivência, é a essência da formação humana, uma relação que transforma a natureza, os indivíduos e as relações sociais. Pelas percepções das estudantes-mães, entende-se que essa transformação é feita de lutas e desafios como bem colocado por EC5 “estamos vivendo uma grande miséria. Muitos desempregados na rua, sem teto, abandonam a sua família porque não têm como levar nenhum sustento” (Entrevista, 2024, EC5). Mas também de esperança e de mudanças, já que são mulheres que carregam as responsabilidades e ainda assim encontram forças para reinventar seus futuros! Todas com um sonho em comum: estudar! Um sonho que, por muito tempo, foi adiado, mas que hoje ganha vida nas salas da EJA-EPT!

Para elas, estudar não é só um direito, é resistência! É confiança que brota quando aprendem conteúdos novos, quando entendem a ciência por trás das suas práticas de trabalho, como as tecnologias são apresentadas e dominá-las contribui para sua inclusão ou exclusão nos estudos e no mundo do trabalho. Como a cultura influencia a sua identidade e o seu trabalho, mas, ao mesmo tempo, tomam consciência de que com os novos conhecimentos conseguem agir eticamente para transformar a realidade, demonstrando que a educação é uma ferramenta poderosa.

Mas também demonstram a fragilidade na integração entre a teoria e a prática. Nesse sentido, o que a pesquisa tem a ver com isso?

Vamos ver na próxima seção!



2- A PESQUISA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL

Ao falar sobre a pesquisa como prática pedagógica e atividades mentais superiores, a cartilha faz refletir sobre a pesquisa como uma ferramenta fundamental para aprimorar as práticas pedagógicas. No entanto, é necessário questionar os desafios que limitam a pesquisa a mera busca por informações. Para que nesse sentido, o potencial da pesquisa na EJA-EPT seja para emancipar e desvelar as contradições estruturais e preparar indivíduos críticos e autônomos para transformar a realidade que beneficie a classe trabalhadora.

A pergunta que fica é: Afinal, o que é pesquisar? É perguntar, duvidar, transformar?

As estudantes reconhecem a pesquisa como instrumento essencial para identificar problemas e aprimorar suas práticas, conforme afirma EC1 “para identificar onde preciso acertar e onde estou errada” (Entrevista, 2024, EC1).

A maioria valoriza seu potencial para compreender questões complexas, desde agrotóxicos até debates políticos. Além disso, reconhecem que a pesquisa colabora para integrar a teoria à prática, EC3 refere que a pesquisa permite “buscar saber a respeito e depois colocar em prática” (Entrevista, 2024, EC3), pela investigação das origens dos ingredientes e das técnicas culinárias. Embora reconheçam esses avanços, EPI e EC6 apontam lacunas significativas, como coloca EC6 “nas aulas de cozinha não incentivam a pesquisa sobre produtos”. Essa questão revela um desafio, onde a pesquisa se restringe à dimensão informacional, como ilustra EC2 “eu pesquiso, procuro ler e estar bem informada (Entrevista, 2024, EC2).

Quando orientada para desvelar as contradições, como o desmatamento, os agrotóxicos e a exploração dos trabalhadores, a pesquisa transforma-se em ferramenta política. EC7 destaca “as pesquisas, elas ajudam bastante a gente, assim, a entender como as coisas acontecem e a procurar, como é que eu vou te dizer, procurar soluções para alguns problemas” (Entrevista, 2024, EC7). O verdadeiro poder pedagógico da pesquisa surge ao questionar o que o capitalismo oculta. Ao descobrir que o alimento tem sangue do trabalhador, as estudantes convertem a sala de aula em espaço de luta, transcendendo a reprodução da técnica para alcançar uma formação emancipatória.



O Ensino Integrado, A politécnica e a educação omnilateral: Por que lutamos?

Assista o vídeo:

<https://youtu.be/wMs1RaBVcEo>



Quais atividades mentais envolvem a prática da pesquisa?

Bem, a pesquisa exige que se realizem atividades mentais superiores, conforme propõe a teoria sociocultural de Vygotski (2001, 2007). O que caracteriza a atividade mental superior, conforme Santos et al. (2021, p. 8), é a mediação das linguagens, dos signos, dos símbolos, dos sistemas numéricos entre outros. Tudo isso permite aos indivíduos desenvolverem consciência e intencionalidade por ações deliberadas e planejadas “considerando-se a percepção, a resolução de problemas, a tomada de decisões, o processamento de informações e a compreensão”.

O Documento Base (2007, p. 38) define a pesquisa como “fundamento da formação do indivíduo [...] como modo de produzir conhecimentos e fazer avançar a compreensão da realidade, além de contribuir para a construção da autonomia intelectual”. Para Araujo (2025), seguindo os estudos do pensador Gramsci, a “pesquisa como princípio educativo recupera esta noção de aprendizagem e também permite ao professor exerça o papel de liderança cultural. Para esse autor o professor é um intelectual que exerce uma liderança frente aos seus alunos o papel do ensino é conduzir a aprendizagem”.



A Importancia da Pesquisa na Prática Pedagógica

Assista o vídeo:

[Importância da Pesquisa
na Prática Pedagógica](#)



Para essa complexidade exige-se que os docentes tenham a intencionalidade para uma prática pedagógica que desenvolva nos estudantes o senso crítico e a cidadania. Marques e Duarte (2020) apresentam reflexões de como o conhecimento se desenvolve pela atividade social da pesquisa e que esse processo tem nas relações sociais, culturais e históricas o seu desenvolvimento. E que a escola é um espaço dialeticamente propício para debater as múltiplas determinações da sociedade apresentando o aspecto social da linguagem para o desenvolvimento das habilidades cognitivas dos indivíduos.

Em estudos empíricos realizados no ProfEPT, Felipe (2019) e Felipe e Valer (2019) discutem a importância da prática da pesquisa na formação profissional, reforçando a relevância de os professores assumirem essa prática para a ampliação das atividades mentais superiores, as quais são materializadas por textos em que a linguagem é mais complexa. Por essa razão, a leitura e a escrita de textos didáticos e textos científicos como recurso e suportes didático-pedagógicos, adequadamente mediados pelos docentes das diferentes unidades curriculares, ampliam a qualidade da linguagem e do pensamento complexo, deslocando o saber do conhecimento espontâneo para o conhecimento científico, conforme propõe os pressupostos teóricos Vygotskianos, os quais subsidiam a Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani.

E como isso pode ser mudado?

Para essa abordagem o(a) docente realiza a mediação para que o (a) estudante promova a compreensão entre a formação profissional e a formação política, pois, por exemplo, quando o (a) estudante investiga por que em sua comunidade tem mais mercados do que feiras livres, está aprendendo matemática (preços), geografia (relações econômicas) e política (grupos de interesses corporativos) relacionando a formação técnica com a formação política e, assim, desenvolvendo sua autonomia crítica e assimilando o que é a formação integral.

A pesquisa como prática pedagógica na EJA-EPT potencializa o letramento crítico ao integrar competências para interpretar, analisar, criticar, buscar e propor soluções com compromisso ético e político voltado aos interesses do coletivo. A leitura, a escrita e as tecnologias digitais como instrumentos de emancipação permitem investigar temas que mobilizam não somente habilidades profissionais, mas desenvolvem capacidades de análises, pois essa prática exige interpretar textos, leis, normativas para comparar fontes e produzir sínteses. Nesse sentido, Valer (2019) e Valer, Brognoli e Lima (2017) discorrem que a pesquisa como princípio pedagógico desenvolve habilidades cognitivas complexas em sistematizar teorias de forma crítica e reflexiva.

As plataformas digitais, conforme os estudos empíricos realizados no ProfEPT por Souza (2022) e Souza e Valer (2022), podem ser ferramentas relevantes para auxiliar nas práticas pedagógicas que envolvem leitura, escrita e compartilhamentos de conteúdos. Por exemplo, bibliotecas virtuais ampliam o acesso a informações confiáveis, além do compartilhamento de saberes, tornando a pesquisa um ato político fortalecendo a autonomia intelectual. O uso crítico das tecnologias, desde redes sociais, podcasts, fóruns até softwares, viabiliza a construção colaborativa de conhecimentos, que é essencial para a progressão nos estudos, pois permite superar barreiras do tempo, já que as rotinas das estudantes é extensa e exaustiva devido ao trabalho, estudos e família.

Também por permitir sociabilizar descobertas por meio de divulgação sobre alimentação ou economia solidária e para desnaturalizar as desigualdades por contrastar dados oficiais sobre a realidade local e mundial. Moura (2014) e Araujo (2025), defendem que a integração entre pesquisa e ensino seja integrada à praxis pedagógica. Nesse sentido, a mediação dos docentes é importante para garantir o domínio e letramento digital emancipatório, onde a tecnologia e a pesquisa sirvam a transformação das condições de vida pessoal e coletivas. A formação integrada na EPT é um processo pedagógico que busca tornar inseparável a formação profissional da formação geral, articulando o conhecimento científico, cultural, humano, político e técnico em todas as suas dimensões visando a emancipação humana.

Faz sentido saber fazer algo, sem entender o porquê?

Será que basta ensinar a produzir e assar o pão, sem discutir como a terra é trabalhada, as condições de trabalho de quem colhe o trigo, quem lucra ou porque tantas mães precisam escolher o fogão em vez da sala de aula. As estudantes reconhecem que a mediação entre teoria e prática fortalece a aprendizagem, oferecendo base conceitual e aplicação real. Para EC7, “eu descobri então que é bem importante assim e a gente leva isso para o dia a dia” (Entrevista, 2024, EC7), demonstrando que a prática pedagógica permite a experimentação e consolidação dos conhecimentos. Para Flores (2016), a EJA-EPT de nível médio integrado contribui com condições sociolaborais para que os trabalhadores estudantes possam apreender as necessidades reais, contraditórias e urgentes da sociedade para participarem no mundo do trabalho.

As entrevistadas em sua maioria valorizam como os docentes realizam a mediação dos conteúdos, EC2 coloca “eu estou admirada aqui no IFSC pelos professores, né, pelos profissionais do curso” (Entrevista, 2024, EC2). Entretanto, EP1 destaca haver falta de alinhamento nas práticas pedagógicas entre formação teórica e formação prática refere “nas outras

disciplinas não têm tanto conjunto de ideias, de relações teóricas e práticas” (Entrevista, 2024, EP1). A relação do porquê colocadas aqui com a pesquisa tem haver com a práxis pedagógica, no caso da EJA-EPT, ela destaca a necessidade de uma educação crítica mediada pela teoria e prática contextualizada que incorpore discussões sobre a realidade social, a economia e a política que afeta a vida destas estudantes para que possam compreender as contradições da sociedade.

Também EC6 relata não haver um maior aprofundamento nas aulas práticas para reforçar o alinhamento com a teoria. E sem a práxis pedagógica, tanto a teoria quanto a prática não efetiva a potencialidade da formação integral, torna-se uma teoria sem prática ou uma prática sem teoria. E nesse sentido, a capacitação continuada dos docentes é importante para compreender os conceitos da EPT e assim, pensar sobre os desafios da prática pedagógica que se apresentam no ensino e aprendizagem.



Curiosidade sobre os conceitos da EPT
Assista o vídeo:

**Vídeo 1 Conceito
EPT Formação
Integrada**



Você já parou para pensar como é difícil estudar quando sua cabeça está dividida entre tantos afazeres?

Pois é, essa é a realidade das estudantes, especialmente as estudantes-mães. Em entrevista, EP1 relata: “a gente fica preocupada com o que a gente vai aprender e com quem a gente está deixando em casa! Então se mistura muito no emocional e a gente acaba se dispersando” (Entrevista, 2024, EP1). E não é só isso! A falta de apoio, a exaustão física e mental e a dificuldade de concentração afetam a aprendizagem e criam ciclos que prejudicam o desempenho escolar.

Além da dupla ou (tripla) jornada, as estudantes enfrentam outros desafios, como problemas de convivência, pois nem sempre o ambiente escolar é colaborativo já que há conflitos entre colegas que atrapalham a-

trapalham o aprendizado para EC5 “a falta de empatia entre os colegas eles não querem se unir com alguns outros” (Entrevista, 2024, EC5), retrata que as relações externas também afetam o ambiente escolar e que essas relações são decorrentes do processo societário que estimula a competição e a individualidade. Sendo assim, na EPT destaca-se a necessidade de uma educação crítica mediada pela teoria e prática contextualizada que incorpore discussões sobre a realidade social, a economia e a política que afeta a vida destas estudantes. Ademais, dificuldades com as tecnologias também afetam os estudantes da EJA-EPT que são heterogêneos e as tecnologias não são um bem socialmente disponível a todos, EC6 disse: “eu tenho que ir atrás de curso para aprender mais” (Entrevista, 2024, EC6), essa fala demonstra que apesar da escola oferecer laboratório de informática e uma unidade curricular sobre a integração entre tecnologia e comunicação, ainda assim, para os estudantes da EJA-EPT não é suficiente para se sentirem confiantes no uso das tecnologias. Além disso, questões de saúde dos estudantes ou de seus familiares impactam a frequência, o foco e a concentração na aprendizagem, EC1 citou a falta de acesso a direitos sociais que dificultam o seu dia a dia e que interferem na aprendizagem.

E o que tudo isso tem haver com as dificuldades das estudantes-mães?

Mesmo com tantos desafios, nem tudo é desesperança! Apesar das barreiras, essas estudantes encontram motivos para seguir em frente nos estudos, EC2 refere “eu estou tendo prazer, vontade de terminar esse curso” (Entrevista, 2024, EC2), é esse combustível que mantém a chama da vontade de estudar e concluir o curso! A flexibilidade dos docentes foi citada como elemento que fortalece as estudantes em permanecer e concluir o curso, refere EP1 “eles são bem flexíveis e têm seus horários de atendimento” (Entrevista, 2024, EP1). Mesmo com a colaboração dos docentes de forma individualizada, e a força de vontade das estudantes não é suficiente, é preciso políticas públicas, redes de apoio e instituições mais acolhedoras para poder transformar a educação em um espaço inclusivo.

Também EC6 relata não haver um maior aprofundamento nas aulas práticas para reforçar o alinhamento com a teoria. E sem a práxis pedagógica, tanto a teoria quanto a prática não efetiva a potencialidade da formação integral, torna-se uma teoria sem prática ou uma prática sem teoria. E nesse sentido, a capacitação continuada dos docentes é importante para compreender os conceitos da EPT e assim, pensar sobre os desafios da prática pedagógica que se apresentam no ensino e aprendizagem.



Estudante não esqueça que sua luta é válida e você não está sozinha, se organize, crie coletivos, grupos de estudos sobre políticas públicas, mulheres educação e sobrecarga de trabalho para discutir e criar estratégias para dialogar com a instituição melhores espaços para as estudantes-mães!

Como a integração entre a teoria e a prática impactam a vida de quem retorna os estudos depois de anos longe da sala de aula?

Teoria e prática: os dois lados da mesma moeda. Nas falas das estudantes elas não encontraram apenas qualificação nos cursos, mas novos caminhos, e até mesmo um futuro que não imaginavam. A estudante EC3 coloca “a gente aprende coisas novas e também faz com que a gente tenha mais vontade de continuar estudando” (Entrevista, 2024, EC3), esse é o sentimento compartilhado por muitas das entrevistadas. Para EC1, EP1, EC2 e EC3 a conexão entre a teoria e a prática não só abre portas para o mundo do trabalho, também as incentiva a progredir nos estudos, em EC7 “as aulas práticas e teóricas estão abrindo a minha cabeça” (Entrevista, 2024, EC7). Esse abrir a cabeça, vai além da formação, é sobre descobrir o seu potencial, como colocado por EC4 e EC5 que, mesmo sem querer seguir a vida profissional na área, percebem o curso como direcionamento para o crescimento pessoal e profissional.

No entanto, nem todas as experiências são unânimes, EC6 traz um contraponto importante ao colocar “as pessoas do Proeja ficaram muito tempo sem estudar”. Para ela, o curso poderia aprofundar mais os conteúdos, mas refere que o perfil destes estudantes devem ser considerados, e nesse sentido, a questão que fica é:

Será que a “superficialidade” apontada é um limite ou um ponto de partida necessário para as estudantes-mães?

A superficialidade nos conteúdos apontada por EC6 aponta que na EJA-EPT há uma diversidade de vivências que podem ser interpretadas, inicialmente, como um limite, uma vez que sugere falta de aprofundamento na relação teórica e prática. No entanto, é possível enxergar também como ponto de partida já que muitas destas mulheres enfrentam desafios imediatos, como a dupla/tripla jornada. Essa aparente superficialidade, pode representar uma etapa inicial para avançar para discussões mais profundas e transformadoras quanto às condições concretas.

Por outro lado, se a superficialidade for entendida apenas como barreira, corre-se o risco de subestimar o potencial destes estudantes, reforçando o estereótipo de desvantagem permanente que os exclui. O desafio da EJA-EPT, seria, então, o caminho estratégico para que as práticas pedagógicas partam de suas realidades imediatas para gradualmente, introduzir temas mais críticos e urgentes como a precarização laboral. Dessa forma, o que poderia ser visto como limitação passa a ser uma oportunidade para construir um processo educativo inclusivo e emancipatório.

E mesmo sem seguir na área, vale a pena estudar na EJA-EPT?

Sim, vale a pena estudar na EJA-EPT mesmo que estudantes não sigam na área profissional. A educação oferecida vai além da formação profissional, proporciona conhecimentos fundamentais para a vida já que levarão todos os conhecimentos adquiridos de forma crítica para as suas vidas. Além do diploma de ensino médio técnico que abrirá portas em diferentes áreas demonstradas por habilidades e competências voltadas ao mundo do trabalho. EC3 afirma ‘a cozinha me encaminhou para um caminho diferente’ (Entrevista, 2024, EC3), essa fala é reveladora, o maior progresso de um curso não é somente a formação profissional, e sim a expansão de horizontes que possibilita aos estudantes descortinar novos caminhos pessoais e profissionais.

Outro ponto importante é que a EJA-EPT pode ser um caminho para quem busca oportunidades no mundo do trabalho ou nos estudos. Muitas profissões exigem o ensino médio completo. E por fim, estudar na EJA-EPT fortalece a autoconfiança e a autonomia, mostrando que a educação é um processo transformador.

A formação omnilateral busca formar indivíduos na sua integralidade, ou seja em todas as suas dimensões (física, mental, cultural, política, técnico-científica, etc).

Essa colocação foi reforçada por EC4 e EC5 que mesmo não atuando na área, os conhecimentos adquiridos serão levados para a vida.

E aí fica a reflexão: Como medir o que é sucesso na formação? Se mede pela carreira a seguir, pela escolha de continuar progredindo nos estudos ou pelas transformações que provoca?

A modalidade EJA-EPT Ensino Médio Integrado não pode ser comparada a métricas das outras modalidades de ensino, pois ela lida com indivíduos com realidades complexas e desafiantes que muitas das vezes, foram excluídos dos bens socialmente produzidos, inclusive do acesso à educação. Nesse sentido, deve-se considerar a EJA-EPT como uma educação que liberta pela práxis intencional que se manifesta no desenvolvimento da cidadania, autonomia e inclusão capacitando-os a defender seus direitos. Além disso, revela as contradições ao permitir que se reconheçam como trabalhadores explorados pelo modo societário, instrumentalizando-os a realizar escolhas críticas utilizando os conhecimentos como ferramentas de ruptura contra a opressão provocada pela produção e reprodução social. Desta forma, o sucesso na EJA-EPT não é um ponto de chegada, e sim, de partida.

E a formação integrada o que têm haver com essa discussão?

Nesse sentido, a formação integrada na EPT pressupõe a articulação indissociável entre a teoria e a prática visando a superar a divisão entre quem “sabe” e quem “faz”. Isso é central, pois não há teoria que é o conhecimento sistematizado e científico sem prática e nem a prática sem teoria que é a aplicação desta teoria em situações reais e concretas de trabalho e vida. Ciavatta (2005) refere que a formação integrada é “enfocar o trabalho como princípio educativo, no sentido de superar a dicotomia trabalho manual/trabalho intelectual, de incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos” alicerçados no trabalho como princípio educativo.



E você já fez algum curso que mudou seus planos?

3 - ESTUDANTES-MÃES E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

Ao falar da Assistência Estudantil, as estudantes que utilizam os serviços destacam a importância dos profissionais do programa para acessar materiais, auxílios e benefícios, além da mediação entre docentes e estudantes quanto a questões pedagógicas e relações interpessoais. No entanto, outras estudantes que não acessam os serviços por desconhecimento ou por não perceberem suas necessidades, revelam a não compreensão do programa.

As estudantes que utilizam os serviços da Assistência Estudantil, como EC1, EC2, EC3 e EP1, destacam sua importância como apoio concreto no cotidiano escolar. EC2 menciona buscar o serviço “quando preciso” (Entrevista, 2024, EC2), enquanto EP1 enfatiza a flexibilidade da equipe. Os relatos revelam como o programa auxilia desde mediações com os docentes até o acesso de materiais básicos como uniformes, evidenciando o peso das limitações financeiras em suas trajetórias escolares.

Contrapondo essas experiências, EC4, EC5, EC6 e EC7 informaram não acessar os serviços, por desconhecimento ou suposta falta de necessidades. Curiosamente, EC5 e EC7 utilizam benefícios, como auxílio transporte, segundo EC5 “eu ganho meu vale transporte que me ajuda bastante”, mas eu nunca precisei ir lá procurar (Entrevista, 2024, EC5). Essa desconexão sugere falhas na divulgação ou na compreensão da abrangência do programa.

De modo geral, as entrevistadas reconhecem o papel da Assistência Estudantil como mediadora dos direitos educacionais, tanto dos aspectos materiais, quanto do aspecto pedagógico e interpessoal. EP1 sintetiza essa relação ao colocar “o fato de estarem dispostas a ajudar, influencia muito” (Entrevista, 2024, EP1).

Entretanto, o desconhecimento manifesto por parte das estudantes, como EC4 que afirma “nunca tive necessidade” (Entrevista, 2024, EC4), aponta desafios ao programa. Primeiro, a necessidade de comunicação mais efetiva sobre a política. E segundo, a superação do estigma de pedir ajuda, comum entre as mulheres em contexto de vulnerabilidade. Essa dualidade revela tanto os avanços quanto as lacunas na implementação do programa na perspectiva das estudantes.

Não pedir ajuda se relaciona a mulher “guerreira” no capitalismo, onde o individualismo induz os indivíduos a resolverem seus problemas sozinhos e nesse sentido, a formação integral é essencial para essas mulheres refletirem o seu papel na sociedade capitalista. A sociedade capitalista reproduz as desigualdades através da exploração do trabalho, consumo alienado e individualismo. No entanto, a EJA-EPT propõe uma educação emancipadora que, ao debater o trabalho coletivo e confrontar a precarização, fortalece lutas por direitos sociais e trabalhistas. Essa transformação se concretiza em ações políticas organizadas, como cooperativismo e movimentos sociais, que unem saberes locais e conhecimentos sistematizados, promovendo valores éticos de solidariedade e resistência por trabalho digno.

O Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) é um programa ofertado pelo Governo Federal que apoia estudantes em vulnerabilidade em instituições federais de ensino, tendo por objetivo garantir a permanência para concluir o curso. Muitas vezes, esse serviço é a diferença entre desistir ou seguir nos estudos, EPI coloca “expliquei para elas a situação e elas entenderam e foi meio mútuo o resultado” (Entrevista, EPI, 2024). A Assistência Estudantil é mais que um auxílio, é mediação, o que fica explícito nos relatos das estudantes é que o serviço não é só “dar benefícios e auxílios”, é mediar acesso, permanência, entender realidade e criar pontes entre cursos, docentes, estudantes e outros programas.



FECHAMENTO

Esta cartilha teve como objetivo apresentar alguns conceitos da EPT para que se possa refletir a complexidade do mundo do trabalho e suas contradições da forma de produção capitalista, e como isso reverbera nas condições concretas das estudantes-mães. O foco deste produto educacional é nas estudantes-mães e estudantes em geral dos do Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, Florianópolis-Continente.

Em termos didáticos foi organizado em 3 seções para qualificar o processo de ensino e aprendizagem.

Na seção 1 o trabalho como princípio educativo busca refletir as relações entre a educação profissional e o modo societário, analisando como essas contradições impactam a vida e a aprendizagem das estudantes-mães nos cursos. A PHC fundamenta que o trabalho é o eixo central da formação humana e que não é apenas atividade econômica, e sim, a mediação entre a natureza e o ser humano. E que a educação visa superar a dualidade entre a formação manual e formação intelectual por meio de uma teoria e prática que integre a cultura, a ciência, a tecnologia, a ética e a formação cidadã.

A relação da PHC na seção 1 visa a refletir como a técnica de assar o pão e cozinhar se relacionam com as jornadas exaustivas, com o cansaço, com os salários baixos e com o monopólio econômico que resultam nas relações de exploração e alienação do (a) trabalhador (a). Nesse sentido, o trabalho como princípio educativo na EJA-EPT não é sobre capacitar o trabalhador estudante para o mercado de trabalho, mas o (a) preparar para o mundo do trabalho, fazendo compreender as contradições do modo capitalista, para questionar por que precisam escolher entre estudo e trabalho. E que por meio dos conhecimentos sistematizados adquiridos possam ter consciência de classe e assim transformar a realidade por meio de lutas sociais.

Quanto a seção 2, a pesquisa como prática pedagógica, na PHC a pesquisa não é neutra, e sim, uma ferramenta que visa emancipar o (a) trabalhador (a) estudante por meio de perguntas e questionamentos para transformar a curiosidade em questionamentos críticos sobre quanto suporta o trabalhador (a) nos alimentos e nas cadeias produtivas para manter esse sistema. E que por isso, a sala de aula é um espaço político que exige um (a) docente que realize a mediação entre os conhecimentos tácitos, que são os saberes locais que os estudantes trazem, com os conhecimentos sistematizados, que são os conhecimentos científicos produzidos ao longo da história, com as técnicas que é o “fazer” o pão, o bolo e o alimento com a política coletiva para compreender a relação de poder que infere em suas vidas.

Para que o (a) estudante trabalhador (a) possa desvelar as contradições do modo produtivo para superar a pesquisa informacional e compreender as contradições do modo capitalista por meio de debates sobre a inclusão/exclusão das tecnologias, por que não se tem creches em todos os turnos e porque tem mais mercados do que feiras livres em seu bairro. E como tudo isso impacta a realidade dos (as) estudantes para desnudar e compreender os desafios da dupla/tripla jornada, e da exploração do trabalho doméstico que mantém esse sistema que reflete na falta de apoio decorrente da falta de políticas públicas que expõem as desigualdades sociais.

A PHC mostra que na EJA-EPT a pesquisa deve ir além da “qualificação” para o mercado, visando formar o (a) trabalhador (a) estudante para utilizar do conhecimento adquirido da sala de aula para denunciar, questionar e planejar ações coletivas como prática social para compreender que a sua formação é na perspectiva da cidadania e da autonomia para transformar a realidade.

E por fim, a seção 3 Estudantes-mães e Assistência Estudantil visa demonstrar que a Assistência Estudantil é um direito. Para a PHC a educação é um bem público e a permanência das estudantes-mães é questão de equidade e justiça social, que visa desnaturalizar o estigma da “ajuda” expondo como o mito da mulher guerreira que resolve tudo sozinha é uma armadilha do capitalismo, pois individualiza os problemas coletivos, como por exemplo, falta de creches, invisibiliza a exploração da dupla/tripla jornada, em trabalho remunerado com baixos salários e no trabalho reprodutivo que não é remunerado. Desta forma, a Assistência Estudantil articula-se a formação política, na perspectiva da PHC já que o programa ao oferecer auxílios e benefícios, e atendimento aos estudantes da EJA-EPT promove conscientização sobre os direitos sociais para que debatam como o capitalismo as culpabiliza pela pobreza. Nesse sentido, a Assistência Estudantil, pelo olhar da PHC é parte da formação omnilateral, pois não só resolve emergências, mas desenvolve consciência crítica sobre por que os (as) estudantes necessitam de auxílios e benefícios mostrando caminhos de como lutar por políticas públicas que atendam em suas demandas.

A cartilha poderá ser trabalhado em sala de aula, como ferramenta político-pedagógica em seminários, diários de classe, roda de conversa para conscientizar sobre a formação profissional além do mercado, em produção de respostas que poderão ser gravados em episódio-respostas com soluções para problemas levantados para mobilizar às questões de políticas públicas, como falta de creches, qualidade do transporte público, a inclusão digital entre outros.

Também poderá ser usada em debates de sindicatos, coletivos, grupos de trabalho e fóruns dirigidos para discutir temas decorrentes do modo societário que precariza a vida dos (as) estudantes e trabalhadoras. Poderá ser usado de forma interdisciplinar em pesquisa entre unidades curriculares para aprofundar conceitos, ademais, poderá ser usado em reuniões pedagógicas em forma de trechos para refletir e trabalhar conceitos. E por fim, poderá ser usado nos encontros nacionais de educação da EJA-EPT e de outras instituições educacionais, nas comunidades e associações de bairro mostrando que a escola é lugar de luta coletiva. A cartilha funciona porque parte de problemas concretos dos estudantes, é democrática pois permite a todos (as) se enxergarem no processo de exploração e transformador, pois é um mecanismo de mudança dentro e fora da escola.

Sendo assim, permite que os (as) estudantes e outros trabalhadores apliquem os conceitos em problemas reais em abordagem que associe a teoria à prática de forma mais ampla. Ademais, as discussões durante as apresentações em grupo proporcionam relacionar o contexto social, político, ético e cultural que enfatiza a prática social na aplicação dos conhecimentos adquiridos. Esse processo permite que exercitem habilidades de resolução de problemas com uma abordagem integral onde não se aplique somente o conhecimento técnico no mundo do trabalho, mas que além disso, promova a reflexão crítica, a autonomia e a formação cidadã que dá base a EPT.

Nesse sentido, é relevante, pois consiste em uma abordagem que integra os princípios da EPT, pois visa a disseminar conceitos e estimular o desenvolvimento dos (as) estudantes em sua integralidade para que reflitam de forma crítica a prática social que transforme a sua realidade e a de sua comunidade. No contexto pedagógico, é relevante estabelecer a relação intrínseca entre a prática social e a teoria, por promover ferramentas que engajam a uma interação e desenvolvimento de habilidades cognitivas para abordar as questões sociais e assim capacitar e preparar para os desafios do mundo do trabalho e para serem atores ativos e conscientes. Desta maneira, a cartilha excede e amplia a sala de aula, pois contribui para debates científicos dentro da proposta e dos princípios da EPT criando possibilidades de compreensão da realidade na sua complexidade no mundo do trabalho no modo capitalista.

Esta cartilha não é um fim em si, é um início de uma caminhada! Neste sentido se dá voz às estudantes-mães que compartilharam suas realidades, desafios e sonhos na busca por uma formação integral. Através dos questionários e entrevistas, descobrimos como a jornada dupla e/ou tripla, entre trabalho, estudo e maternidade exige políticas educacionais mais concretas para garantir que essas mulheres não apenas acessem a escola, mas permaneçam e se sintam apoiadas nos estudos.

Os dados revelam que a sobrecarga de tarefas são barreiras que afetam a aprendizagem. E que o apoio pedagógico e a Assistência Estudantil faz a diferença na vida destas estudantes. E que a formação integral na EJA-EPT vai além do tecnicismo, engloba acolher dimensões humanas, culturais, éticas, estéticas e sociais.

E você parou para pensar como a educação contribui para transformar a realidade? Já pensou em se organizar em coletivos ou grupos para incluir debates sobre gênero, educação e trabalho? Pequenas mudanças podem abrir enormes caminhos!

Um agradecimento especial a você estudante-mãe que participou e compartilhou generosamente de sua história, a todos que se dedicaram a refletir sobre esse tema. Lembre-se: educação é um direito, e garantir que seja acessível, significativo e acolhedor para todas as mulheres, em especial as mulheres-mães é um compromisso de toda a sociedade.



REFERÊNCIAS

ALBORNOS, Suzana. O que é trabalho. Coleção Primeiros Passos. Vol.171. 2008 [1986]. Editora Brasiliense.

ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima. A pesquisa como princípio educativo. In: SEMANA PEDAGÓGICA DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC, 2025/1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZIXKG6jAIW4&t=4538s>. Acesso em: 25 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Proposta em discussão: políticas públicas para a Educação Profissional e Tecnológica, Documento Base. Brasília, DF, ago. 2007. Disponível em: [proeja_medio.pdf](#). Acesso em: 15 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Documento Orientador APCN Area 46: ensino. Brasília, p. 1-12 Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-b>. Acesso em: 9 jun. 2023.

CARVALHO. Humberto Hickel de. Educação Técnica e Formação Cidadã: Um estudo no Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo- Unidade Cubatão. Orientadora: Dr.^a Nereide Saviani. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos, SP, 2008, 206 p. Disponível em: <https://tede.unisantos.br/handle/tede/137>. Acesso em: 24 de Nov. 2024.

CLAVATTA, Maria. A formação integral: A escola e o trabalho como lugares de memórias e de identidade. Revista Trabalho Necessário, v. 3, n.º 3, 2005, p. 1-20. Disponível em: Vista do A Formação integrada a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. Acesso em: 27 ago. 2023.

FELIPPE, Bárbara Colossi. A pesquisa como princípio pedagógico na Educação Profissional Técnica de Nível Médio: Um estudo de caso com docentes participantes do Edital 20/2017/PROPI/DAE Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC. Orientadora: Dr.^a. Salete Valer – Pós Graduação em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT), Instituto Federal de Santa Catarina, SC, 2019, 190 p. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/1138?show=full> Acesso em: 15 nov. de 2024.

FLORES, Tânia Maria. Dantas. Política pública PROEJA no IFBA Campus Santo Amaro (BA): (des)caminhos, contradições e consequências. Orientadora: Doutora Eliana Romão. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 131 p. 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4849/1/TANIA> Acesso em: 17 out. 2023.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação omnilateral. In: CALDART, Roseli Salete et al (Org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 267-274. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191.pdf>. Acesso em: 10 fev 2024.

MACHADO, Regina de Souza. Diferenciais inovadores na formação de professores para a Educação Profissional. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica. 2008, p. 8-22. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2862/1003><https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2862/1003>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MARQUES, Jaqueline Hellen; DUARTE, Newton. A pedagogia Histórico-Crítica em defesa de uma educação revolucionária. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 15, n.º 3, p. 2204-2222, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14427/9965>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MOURA, Dante Henrique. Trabalho e formação docente na educação profissional. 1. ed. Coleção Formação Pedagógica. Volume III. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/326;jsessionid=node0ynedk86m02a3qri3pbdpz3kl845725.node0>. Acesso em: 4 fev. 2023.

PACHECO, Eliezer. Perspectivas de Educação Profissional e Tecnológica: Diretrizes Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica -Setec/MEC, Brasília, DF, 2019, p. 1-143. Disponível em: [Perspectivas-da-EPT.pdf](#) Acesso em: 18 jan. 2024.

RAMOS, Marise Nogueira. História e política da educação profissional. 1. ed. Formação Pedagógica. Volume V. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. Disponível em; <https://ifpr.edu.br/curitiba/wp-content/uploads/sites/11/2016/05/Historia-e-politica-da-educacao-profissional.pdf> Acesso em: 21 jan. 2023.

RAMOS, Marise Nogueira. Ensino Médio Integrado: Lutas Históricas e Resistências em Tempos de Regressão. Educação Profissional e Tecnológica em Revista, v. 1, nº 1, 2017 – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, v. 1, n.º 1, p. 27-49, 2017. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/356/317> Acesso em: 29 set. 2023.

SANTOS, Letícia Rodrigues; FERNANDES, Juliana da Costa; ANDRADE, Elisângela Ladeira de Moura; LIMA, Emmanuela Ferreira de. As contribuições da Teoria da Aprendizagem de Lev Vygotski para o desenvolvimento da competência em informação. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 17, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/169462>. Acesso em: 16 fev. 2025.

SANTOS, José Emiliano; LIMA, André SuêltoTavares. Elaboração, aplicação, avaliação e validação do produto educacional: Cartilha ambiental-resíduos sólidos no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, v. 2, n.º 21, p. 1-17, 2021. disponível em:<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/11149>. Acesso em: 15 mai. 2025.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação, v. 12 n. 34 jan./abr. p. 152-180. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/zLgxprrzCX5GYtgFpr7> Acesso em: 6 maio. 2023.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 12. ed.rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2021. — (Coleção educação contemporânea).

SOUZA, Lucas de. O uso das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas como competência para o mundo do trabalho: um estudo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) – Campus Florianópolis-Continente. Orientadora: Salete Valer. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, 2022, 360 p.Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11850407. Acesso em: 11 fev. 2024.

Souza, Lucas de; Valer, salete. O uso das tecnologias digitais da informação e comunicação na Educação Profissional: Contextualizações com o mundo do trabalho. Revista Debates em Educação, v. 1, n.º 35, p. 328-351, 2022.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A construção do pensamento e da linguagem. Tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo, (1934 [2001]): Martins Fontes Editora. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/qdownload/vygotsky-l-s-a-construcao-do-pensamento-e-linguagem-pdf-free.html>.. Acesso em: 23 out. 2023.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A Formação social da mente: O desenvolvimento social da mente. Martins Fontes Editora. São Paulo - SP, (1934 [2007]), 7. ed. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1705841&forceview=1> Acesso em: 15 dez. 2023.

AUTORES

AUTO (A) 1 Michella Rocha dos Santos. Email:michellaflor@gmail.com. Orcid - <https://orcid.org/0009-0005-2228-3974> Lattes: https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do;jsessionid=477703098A294A9CAFB2F81E5C510B58.buscatextual_Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) – Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Campus Florianópolis. Graduação em Serviço Social pela Faculdades Integradas Aparício Carvalho (FIMCA), Especialista em Saúde Pública com Ênfase em Programa Saúde da Família (PSF) pela Faculdade de Pimenta Bueno (FAP). Atua como Assistente Social na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

AUTO (A) 2 Salete Valer E - mail: salete.valer@ifsc.edu.br. Orcid - <https://orcid.org/0000-0002-9391-3807> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4817754537520905> Doutora em Linguística (Psicolinguística Aplicada) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Linguística Teórica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), graduação em Letras Português e Literaturas Vernáculas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente Associada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Campus Florianópolis-Continente, Área de Linguagem e Comunicação, atuando como docente em Cursos Técnicos Subsequentes; Cursos Superiores de Tecnologia e no Mestrado em Educação Profissional em Rede Federal (ProfEPT).

IMAGENS

Todas as imagens utilizadas são de bancos de imagens do site: - <https://www.canva.com/>